

O PASTOR AMOROSO *Alberto Caeiro*

Fernando Pessoa

Este texto foi digitado por Eduardo Lopes de Oliveira e Silva, no Rio de Janeiro, em maio de 2006. Manteve-se a ortografia vigente em Portugal.

2

SUMÁRIO

Quando eu não te tinha 4

Está alta no céu a lua e é primavera 5

Agora que sinto amor 6

Todos os dias agora acordo com alegria e pena 7

O amor é uma companhia 8

Passei toda a noite, sem saber dormir, vendo sem espaço a figura dela 9 Talvez quem vê bem não sirva para sentir 10

O pastor amoroso perdeu o cajado 11

I

Quando eu não te tinha
Amava a Natureza como um monge
calmo a Cristo... Agora amo a
Natureza

Como um monge calmo à Virgem
Maria, Religiosamente, a meu
modo, como dantes, Mas de outra
maneira mais comovida e
próxima. Vejo melhor os rios
quando vou contigo Pelos
campos até à beira dos rios;
Sentado a teu lado
reparando nas nuvens
Reparo nelas melhor...
Tu não me tiraste a Natureza...
Tu não me mudaste a Natureza...
Trouxeste-me a Natureza para ao pé
de mim. Por tu existires vejo-a
melhor, mas a mesma, Por tu me
amares, amo-a do mesmo modo, mas
mais, Por tu me escolheres para te
ter e te amar, Os meus olhos
fitaram-na mais demoradamente
Sobre todas as cousas.

Não me arrependo do que fui outrora
Porque ainda o sou.
Só me arrependo de outrora te não ter amado.

II

Está alta no céu a lua e é primavera.
Penso em ti e dentro de mim estou completo.

Corre pelos vagos campos até mim uma brisa ligeira.
Penso em ti, murmuro o teu nome; não sou eu: sou
feliz.

Amanhã virás, andarás comigo a colher
flores pelos campos, E eu andarei contigo
pelos campos a ver-te colher flores.

Eu já te vejo amanhã a colher flores comigo pelos
campos, Mas quando vieres amanhã e andares
comigo realmente a colher flores, Isso será uma
alegria e uma novidade para mim.

III

Agora que sinto amor
Tenho interesse nos perfumes.
Nunca antes me interessou que uma flor
tivesse cheiro. Agora sinto o perfume das
flores como se visse uma coisa nova. Sei
bem que elas cheiravam, como sei que

existia. São coisas que se sabem por fora.
Mas agora sei com a respiração da parte
de trás da cabeça. Hoje as flores
sabem-me bem num paladar que se
cheira. Hoje às vezes acordo e cheiro
antes de ver.

Todos os dias agora acordo com alegria e pena. Antigamente acordava sem sensação nenhuma; acordava. Tenho alegria e pena porque perco o que sonho E posso estar na realidade onde está o que sonho. Não sei o que hei-de fazer das minhas sensações, Não sei o que hei-de ser comigo. Quero que ela me diga qualquer coisa para eu acordar de novo.

Quem ama é diferente de quem é.
É a mesma pessoa sem ninguém.

V

O amor é uma companhia.
Já não sei andar só pelos caminhos,
Porque já não posso andar só.
Um pensamento visível faz-me andar mais depressa
E ver menos, e ao mesmo tempo gostar
bem de ir vendo tudo. Mesmo a ausência

dela é uma coisa que está comigo.
E eu gosto tanto dela que não sei como a desejar.
Se a não vejo, imagino-a e sou forte como as
árvores altas. Mas se a vejo tremo, não sei o que é
feito do que sinto na ausência dela. Todo eu sou
qualquer força que me abandona.
Toda a realidade olha para mim como um girassol com
a cara dela no meio.

VI

Passei toda a noite, sem saber dormir, vendo sem espaço a figura dela. E vendo-a sempre de maneiras diferentes do que a encontro a ela. Faço pensamentos com a recordação do que ela é quando me fala, E em cada pensamento ela varia de acordo com a sua semelhança. Amar é pensar.

E eu quase que me esqueço de sentir só de pensar nela. Não sei bem o que quero, mesmo dela, e eu não penso senão nela. Tenho uma grande distração animada.

Quando desejo encontrá-la,

Quase que prefiro não a encontrar,

Para não ter que a deixar depois.

E prefiro pensar dela, porque dela como é tenho qualquer medo. Não sei bem o que quero, nem quero saber o que quero. Quero só pensar ela.

Não peço nada a ninguém, nem a ela, senão pensar.

VII

Talvez quem vê bem não sirva para sentir
E não agrade por estar muito antes das maneiras.
É preciso ter modos para todas as cousas,
E cada coisa tem o seu modo, e o amor também.
Quem tem o modo de ver os campos pelas ervas
Não deve ter a cegueira que faz fazer sentir.
Amei, e não fui amado, o que só vi no fim,
Porque não se é amado como se nasce
mas como acontece. Ela continua tão
bonita de cabelo e boca como dantes,
E eu continuo como era dantes, sozinho no campo.
Como se tivesse estado de cabeça baixa,

Penso isto, e fico de cabeça alta
E o dourado do sol seca as lágrimas pequenas que
não posso deixar de ter. Como o campo é grande e
o amor pequeno!
Olho, e esqueço, como o mundo enterra e as árvores
se despem.

Eu não sei falar porque estou a sentir.
Estou a escutar a minha voz como se
fosse de outra pessoa, E a minha voz fala
dela como se ela é que falasse.
Tem o cabelo de um louro amarelo de
trigo ao sol claro, E a boca quando fala
diz cousas que não há nas palavras.
Sorri, e os dentes são limpos como
pedras do rio.

VIII

O pastor amoroso perdeu o cajado,

E as ovelhas tresmalharam-se pela encosta,
E, de tanto pensar, nem tocou a flauta que trouxe
para tocar. Ninguém lhe apareceu ou
desapareceu... Nunca mais encontrou o cajado.
Outros, praguejando contra ele, recolheram-lhe as
ovelhas. Ninguém o tinha amado, afinal.
Quando se ergueu da encosta e da verdade falsa,
viu tudo: Os grandes vales cheios dos mesmos
vários verdes de sempre, As grandes montanhas
longe, mais reais que qualquer sentimento, A
realidade toda, com o céu e o ar e os campos que
existem, E sentiu que de novo o ar lhe abria, mas
com dor, uma liberdade no peito.

